



Nos países do Terceiro Mundo, a agricultura é um dos poucos trabalhos que cabe à mulher.

Quando a modernização piora a vida feminina

JOHN BLAIR

Trinta anos após a assistência ao desenvolvimento tornar-se para do cenário Internacional, a vida da maioria das mulheres do Terceiro Mundo foi muito pouco atingida pelos aspectos benéficos da ciência e tecnologia do século 20. Ao contrário, as mulheres encontram-se, frequentemente, em piores condições devido à modernização.

Em muitos países, por causa de hábitos, tradições e preconceitos, quase todas as mulheres, com exceção de uma pequena minoria, não apenas encontram-se excluídas do planejamento desenvolvimentista como também, vêem-se muitas vezes aliadas do aprendizado acadêmico e técnico. É como se as mulheres — mais da metade dos recursos humanos disponíveis para a luta de vida ou morte da modernização — fossem incapazes de contribuir com algo além do trabalho doméstico para o bem-estar nacional.

As estatísticas sobre alfabetização oferecem uma intuição dos problemas que as mulheres do Terceiro Mundo enfrentam quando procuram sustentar suas famílias ou a si próprias. Os esforços nacionais para aumentar substancialmente as facilidades educacionais não têm conseguido reduzir esta disparidade uma vez que, em muitos países, as jovens são as últimas a serem enviadas aos colégios e as primeiras a serem retratadas. De acordo com a UNESCO, a porcentagem de mulheres analfabetas em relação aos homens está, na realidade, aumentando.

As rígidas estatísticas sobre o analfabetismo funcional ainda não conseguem retratar adequadamente o dilema das mulheres do Terceiro Mundo. Como ressalta Irene Tinker em seu livro "Mulheres e o Desenvolvimento Mundial", o percentual de inscrição feminina decresce em cada nível sucessivo de educação. Para as mulheres, muito mais do que para os homens, "educação" muitas vezes quer dizer pouco mais do que saber escrever o próprio nome. Por exemplo, a Dra. Tinker calcula que "na África, entre 20 a 30 por cento das crianças do sexo feminino frequentam a escola primária, mas apenas entre 10 a 20 por cento das crianças que frequentam a escola secundária são meninas". Na Ásia Meridional, dos 2,5 por cento da população adulta que continuam a estudar além dos 14 anos, apenas cerca de um quinto é do sexo feminino.

Os efeitos de privar-se as mulheres de oportunidades educacionais são devastadores para a organização social de um país e seus planos desenvolvimentistas. Praticamente todos os países do Terceiro Mundo estão empenhados na modernização rápida, mas quando esses esforços restringem-se apenas à população masculina a própria estrutura familiar é atingida e, muitas vezes, se desmantela. Os homens alfabetizados, cuja educação lhes permitiu ingressar no mundo moderno, descobrem que só conseguem comunicar-se com as mulheres cujo estilo de vida reflete uma era anterior, no nível mais básico. Segundo um relatório das Nações Unidas, até mesmo os trabalhadores migratórios de relativamente pouca instrução constataam que têm pouco em comum com suas esposas após apenas pequenas estadas fora de seus vilarejos. "Mulheres provincianas ignorantes", tal como são consideradas, têm muito mais probabilidades de serem abandonadas por tais trabalhadores do que as mulheres alfabetizadas.

As mulheres analfabetas que vivem nas cidades, ou lá se instalam, levam uma vida particularmente difícil. As cidades são o epitome da moderna sociedade industrial. E, tal como observou Arvonne Fraser — coordenadora do escritório de Mulheres no Desenvolvimento, um departamento da Agência para o Desenvolvimento Internacional — "a capacidade de lê é requisito básico para ingresso no mundo moderno e tecnológico".

BAIXA REMUNERAÇÃO

Em um ambiente urbano, uma pessoa analfabeta sobrevive à margem da sociedade, completamente dependente dos outros para interpretar os regulamentos governamentais pertinentes a suas atividades. As mulheres analfabetas vêem-se confinadas a empregos de baixa remuneração e pouco prestígio tais como domésticas, vendedoras ambulantes, operárias ocasionais de construção e prostitutas. Raramente seus empregadores levam a seu conhecimento a existência de novas legislações protetoras.

Roberto S. McNamara, presidente do Banco Mundial, expôs a ligação entre a alfabetização das mulheres e um eficaz controle demográfico em importante discurso proferido em abril do ano passado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (M.I.T.). Observou que estudos realizados em cidades tão diferentes da América Latina como Rio de Janeiro, Buenos Aires e algumas regiões rurais do Chile revelam

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030703

que as mulheres que concluíram o curso primário têm em média dois filhos a menos do que as que interromperam os estudos.

Nos países do Terceiro Mundo onde a agricultura de subsistência é a norma, as mulheres não são as esposas dos agricultores - são elas próprias que cultivam a terra. Estimativas conservadoras de que as mulheres produzem mais de 40 por cento do abastecimento mundial de alimentos elevam-se dramaticamente quando os pesquisadores contemplam a situação nas regiões menos desenvolvidas.

A modernização não está amenizando os encargos dessas agricultoras, mas tornando-os muito mais pesados. Os homens estão, em proporções cada vez maiores, migrando para as cidades em busca de trabalho remunerado, deixando as mulheres, sozinhas, a responsabilidade de criarem os filhos. As tarefas agrícolas anteriormente partilhadas por homens e mulheres ou executadas apenas pelos homens tornam-se

responsabilidade exclusiva das mulheres. Calcula-se que cerca de 30 por cento das famílias rurais do Terceiro Mundo são atualmente chefiadas pelas mulheres. Na América Latina, a pesquisadora colombiana Isabel Carrasco de Gomez observa que um lar em cada três é chefiado por uma mulher, cujo marido partiu em busca de trabalho na cidade.

Os governos, ansiosos para afastarem o espectro da penúria iminente, tem geralmente aceito a presunção errônea da Europa Ocidental e dos Estados Unidos de que a agricultura, em todas as partes, é uma atividade predominantemente masculina.

Invariavelmente, em países onde a agricultura é predominantemente uma ocupação feminina, os estudantes enviados ao exterior para aprendizado agrícola avançado são do sexo masculino. Mesmo nas próprias áreas rurais, são os homens, e não as mulheres, que recebem instrução sobre modernos métodos agrícolas.

A antropóloga Margaret Mead denunciou o processo de mecanização dominado pelo homem como aquele que transforma as mulheres de produtoras de alimentos em apenas consumidoras. A Dra. Mead disse que "a noção arcaica de que a maquinaria é a única prerrogativa do homem" persiste em todo o mundo apesar "da experiência de tempo de guerra na Europa que demonstrou que as mulheres eram plenamente capazes de tirar proveito da experiência agrícola moderna".

AS CHEFES

A noção de que os homens, em todas as partes, são esmagadoramente os chefes dos lares é errada. Coralle Turbitt, presidente do Centro Internacional de Pesquisas sobre Mulheres, informa que, ao contrário, "uma proporção significativa de famílias no mundo é chefiada por mulheres, que têm a responsabilidade total pelo bem-estar de suas famílias". Em recente audiência no Congresso, ela mencionou estatísticas colhidas pela sua organização sobre o percentual dos lares chefiados por mulheres nos seguintes países do Hemisfério: Costa Rica, 39%; Jamaica, 33%; Trinidad, 25%; Belize, 24%; Honduras, 21,6%; El Salvador, 26%; Peru, 22%; Equador, 19%; Granada, 46%.

A Assembléia Geral das Nações Unidas endossou o "Plano Mundial de Ação para Eliminação da Discriminação Contra as

Mulheres" da Conferência do Ano Internacional das Mulheres. Em 1975, a Assembléia Geral adotou uma resolução estabelecendo o período de 1976-1985 como a Década para as Mulheres, "a ser dedicada a uma ação eficaz em âmbito nacional, regional e internacional para dar andamento ao Plano Mundial de Ação" e exortou as organizações governamentais e não governamentais a auxiliarem na execução de seus objetivos.

O Banco Mundial também movimentou-se a fim de reexaminar suas políticas de empréstimos pelo estabelecimento do cargo de assessor de assuntos femininos para auxiliar funcionários do banco na elaboração de programas. Importantes escritórios governamentais de ajuda ao exterior nos Estados Unidos, Canadá, Japão, França, Alemanha, Suíça e Austrália criaram escritórios para adquirir novas visões de seus projetos da perspectiva das mulheres.

Gloria Scott, assessora do Banco Mundial sobre o papel das mulheres no desenvolvimento, compara esta nova conscientização a realização, anos atrás, de que a auto-suficiência econômica não poderia ser alcançada simplesmente pela construção de usinas siderúrgicas. A planejadora jamaicana disse que da mesma forma que os economistas, na época, compreenderam que o desenvolvimento industrial dependia de uma força de trabalho instruída, saudável e treinada, estão, igualmente, começando a ver a situação das mulheres como uma "perda de recursos potenciais" e uma "contenção ao desenvolvimento".

Uma organização que não precisa ser sensibilizada é o Congresso dos Estados Unidos. Em 1973, uma emenda ao projeto de ajuda externa proposta pelo Senador Charles H. Percy, de Illinois, exigia que o Governo dos EUA dispensasse "particular atenção aos programas, projetos e atividades voltados para a integração das mulheres nas economias nacionais dos países em desenvolvimento". A emenda foi aprovada pelo Senado mas extinta em uma sessão conjunta Senado/Câmara dos Representantes, que tentou reconciliar duas versões diferentes da legislação. Uma torrente de protestos de grupos feministas norte-americanos levou o Congresso a reconsiderar e reinstaurar a emenda.

Uma outra emenda, em 1977, na Lei de Ajuda Externa determina que o Presidente submeta ao Congresso um relatório sobre seus esforços para integrar as mulheres nos projetos que os Estados Unidos financiam mediante doações ou empréstimos.

John J. Gilligan, administrador da AID, que supervisiona o vultoso programa norte-americano de desenvolvimento, classificou o papel das mulheres no Terceiro Mundo "um dos aspectos mais importantes e negligenciados do desenvolvimento econômico". Ele admite que até bem pouco tempo os próprios Estados Unidos não reconheciam plenamente o valor de mais da metade de sua população — o potencial pleno das mulheres e dos negros. "Nós aprendemos", disse ele, "e espero que o que aprendemos possa ser de utilidade para as nações menos desenvolvidas". Gilligan declarou que o "provérbio africano 'eduque uma mulher e estará educando uma família' deveria ser um lema para todos os países em desenvolvimento e para todos nós que estamos tentando ajudá-los".